

# SOBRE A ÓTICA DE SILVIA BLEICHMAR: AS DIMENSÕES ÉTICA, POLÍTICA E SOCIAL NA PSICANÁLISE

THROUGH SILVIA BLEICHMAR'S EYES: ETHICAL, POLITICAL, AND SOCIAL DIMENSIONS OF PSYCHOANALYSIS

BAJO LA PERSPECTIVA DE SILVIA BLEICHMAR: LAS DIMENSIONES ÉTICA, POLÍTICA Y SOCIAL EN PSICOANÁLISIS

Eurema Gallo de Moraes<sup>1</sup>

Mônica Medeiros Kother Macedo<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir do reconhecimento do inestimável legado de Silvia Bleichmar, o artigo explora a psicanálise na interface com as dimensões ética, política e social a partir de proposições presentes em suas obras. Consideramos que, por meio dessas dimensões, é possível ilustrar a forma pela qual, na escrita de Silvia, se faz presente, com reconhecida clareza, a impossibilidade de dissociar a pessoa das condições com as quais exerce sua função profissional. Em cada linha de seus argumentos encontramos a coerência de sua posição como sujeito, cidadã e psicanalista. Assim, com inspiração no espírito interrogativo e não dogmático que marcou o modelo de transmissão da psicanálise por Silvia, consideramos que exercer o ofício de psicanalisar é reconhecer o valor de revisar, nos trâmites e nas intercorrências da clínica e da cultura, os fundamentos e os desdobramentos da teoria psicanalítica. Buscamos, portanto, neste escrito, eleger pontos na obra de Silvia Bleichmar que pudessem fazer jus à densidade, à originalidade e à complexidade de seu pensamento.

**Palavras-chave:** Silvia Bleichmar. Psicanálise. Clínica. Cultura. Ética. Política.

*Abstract: Acknowledging Silvia Bleichmar's immeasurable legacy as a starting point, the present work explores psychoanalysis in relation to the ethical, political and social dimensions, based on propositions from Bleichmar's work. Through the aforementioned dimensions, we consider it possible to illustrate the clear impossibility of separating someone from the conditions in which one practices one's profession, according to Bleichmar. In every line she wrote, we can find her coherent position as a subject, as a citizen, and as a psychoanalyst. Therefore, inspired by Bleichmar's remarkably inquiring and non-dogmatic model of psychoanalytic transmission, we consider that practicing psychoanalysis is acknowledging the value of revising the foundations and outcomes of psychoanalytic theory, in the paths and interurrences of both clinic and culture. In sum, we have attempted to select key points in Silvia Bleichmar's*

<sup>1</sup> Psicanalista. Doutora em Fundamentos e Desenvolvimento em Psicanálise pela Universidade Autónoma de Madrid — UAM. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Autora e coautora de publicações na área da psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7069-8266>. E-mail: [euremagallo@gmail.com](mailto:euremagallo@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicanalista. Doutora em Psicologia. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq — Nível 1D. Professora do Programa de Pós-Graduação Psicanálise — Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPEPP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi (GBPSF) e da International Sándor Ferenczi Network. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9347-8537>. E-mail: [monicakothermacedo@gmail.com](mailto:monicakothermacedo@gmail.com)

work, in order to highlight the depth, originality and complexity of her thought in the present work.

Keywords: *Silvia Bleichmar. Psychoanalyses. Clinic. Culture. Ethics. Politics.*

*Resumen: A partir del reconocimiento del invaluable legado de Silvia Bleichmar, el artículo explora el psicoanálisis en la interfaz con las dimensiones ética, política y social a partir de proposiciones presentes en sus obras. Consideramos que, a través de estas dimensiones, es posible ilustrar la manera en que, en la escritura de Silvia, está claramente presente la imposibilidad de disociar a la persona de las condiciones en las que desempeña su rol profesional. En cada línea de sus argumentos encontramos la coherencia de su posición como sujeto, ciudadana y psicoanalista. Así, inspirados en el espíritu interrogativo y no dogmático que marcó el modelo de transmisión del psicoanálisis de Silvia, consideramos que ejercer la profesión de psicoanalista es reconocer el valor de revisar, en los procedimientos e inconstancias de la clínica y la cultura, los fundamentos y desarrollos de la teoría psicoanalítica. Por lo tanto, al escribir este ensayo buscamos elegir puntos en la obra de Silvia Bleichmar que pudieran hacer justicia a la densidad, originalidad y complejidad de su pensamiento.*

*Palabras clave: Silvia Bleichmar. Psicoanálisis. Clínica. Ética. Política.*

Silvia Bleichmar marcou sua trajetória em ser e estar no mundo por uma posição reconhecidamente autêntica, implicada e esclarecida. Encontram-se em suas observações, sempre atentas aos acontecimentos que contornam a cultura e a sociedade, tanto a disposição de resistência e oposição a qualquer forma de violência e injustiça quanto a cautela na convocatória às reflexões críticas e às problematizações necessárias. Ao reconhecer a relevância do conhecimento daquilo que pode obturar vias criativas ao devir, afirma que

talvez nossa tarefa como intelectuais consista na recomposição das vias para evitar que o mal-estar em excesso devore nosso pensamento, na possibilidade de instrumentar novas perguntas com respeito pela história, mas sem nostalgia do passado ou a reificação do presente inundando as possibilidades criativas (Bleichmar, 2007, p. 38).<sup>3</sup>

É nessa direção que consideramos o legado de Silvia Bleichmar como sinônimo de uma psicanálise marcada pelo valor atribuído à formulação incessante de novas perguntas. É inquestionável sua potente proposição de que o trabalho de um psicanalista não se restringe a (re)produzir apenas respostas frente à repetição de interrogantes. Assim, tomando como ponto de partida o convite a uma reflexão crítica localizado em seus textos, encontramos em sua obra testemunhos infundáveis de seu distanciamento das condições que, tanto no espaço social como no espaço clínico, podem conduzir ao aprisionamento a convicções, ao submetimento a crenças ou ao empobrecimento de paixões.

A complexidade de sua obra assenta-se, principalmente, na nomeação de contradições internas da psicanálise, e sobretudo no fértil trabalho empreendido a partir dessas constatações. A assunção da provisoriedade do conhecimento, associada a seu incansável trabalho intelectual, concretiza-se na tessitura permanente de seu labor em direção a ampliar os fundamentos teóricos e a fomentar a vitalidade no modo de conceber a prática analítica. A originalidade de seu pensamento faz-se evidente em cada uma de suas produções. É a partir do destaque à potência de suas ideias que Nora Elichiry escreve no prólogo ao livro de Silvia,

<sup>3</sup> Todas as traduções para o português das citações de livros de Silvia Bleichmar em idioma espanhol foram realizadas por nós.

*Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis*, publicado em 2022: “Bleichmar transfere o registro do patológico a uma concepção de conjunto, de contexto e da constituição do sujeito, mais além das características de ordem nosológica e terapêuticas” (Elichiry, 2022, p. 13).

Na generosidade do compartilhamento de seu pensamento ágil, livre e criativo, sustentado no conhecimento não apenas da psicanálise, mas no contagiante entusiasmo com aportes das mais diversas disciplinas, situamos a abertura necessária para seguirmos inspirados no compromisso crítico de interrogação e de criação em psicanálise. O convívio e a proximidade com seu legado produziram marcas indelévels a respeito do valor imprescindível da liberdade na forma de pensar a psicanálise sem se furtar de, frente ao reconhecimento de controvérsias clínicas e teóricas, empreender estudos e esforços a fim de explorar a convocatória ao trabalho intelectual demandado. Tais condições fomentam a identificação com o seu profundo respeito à escuta ao sofrimento do semelhante. A concepção de respeito, inerente a essa forma de escuta, grifa a incontornável necessidade de pensar o sujeito psíquico a partir da complexidade metapsicológica que vem sendo construída e ampliada ao longo da história da psicanálise. Sendo assim, o exercício da psicanálise situada no marco da ética sustenta tanto o reconhecimento da complexidade humana na produção de seus padecimentos psíquicos como a implicação da pessoa do analista em sua prática de escuta.

Com inspiração no espírito assertivo que marcou o modelo de transmissão da psicanálise por Silvia, consideramos que exercer o ofício de psicanalisar é reconhecer o valor de revisar, nos trâmites e nas intercorrências da clínica e da cultura, os fundamentos e os desdobramentos da teoria psicanalítica. No legado de Silvia Bleichmar, cabe destacar, os conceitos não operam como ferramentas de repetição ou como salvo-conduto frente às complexas situações da clínica. Ao contrário, eles precisam ser claramente situados em seus nascedouros, devendo ser percebidos em suas condições de vigência, tanto quanto em suas demandas inadiáveis de revisão e reformulação.

Nesse sentido, na obra de Silvia Bleichmar é perceptível, sob diferentes formas, o exercício de pensar a clínica e a cultura a partir da metapsicologia tensionada, contemplando, sistematicamente, fundamental reflexão sobre o alcance ou o limite dos conceitos existentes. Nessa direção, Bleichmar (2020) considera que “em psicanálise é preciso clivar os elementos de permanência e os que entram em crise devido à mudança das condições históricas” (p. 18). Logo, seu legado traduz a força de sua inteligência e de sua sagacidade clínica na direção de repensar e propor novos enlances teóricos e clínicos. Destarte, é clara ao afirmar que “os conceitos transcendem o conhecimento que geram e tornam-se articuladores que podem ser preenchidos com novos sentidos (Bleichmar, 2009, p. 46)”.

A advertência sobre a necessidade de recompor vias criativas para seguir produzindo interrogantes, pautada de maneira precisa na escrita de Bleichmar, marca, nos contornos da delicadeza de sua transmissão, a necessária liberdade para se construir um pensamento clínico próprio e um devir abastecido no compartilhamento entre pares. Assim, tanto a clínica quanto a transmissão em psicanálise são experiências que instrumentalizam o exercício da liberdade entre diferenças subjetivas.

Buscamos, portanto, nesta escrita, eleger pontos na obra de Silvia Bleichmar que façam jus à densidade, à originalidade e à complexidade de seu pensamento. Consideramos que, por meio do trabalho com argumentos que contemplem as dimensões ética, social e política, é possível ilustrar suas particularidades e complexidades adquiridas sob a ótica de Silvia Bleichmar. Reconhecemos, assim, na escrita de Silvia, a presença e a clareza a respeito da impossibilidade de dissociar a pessoa das condições com as quais exerce sua função profissional. Em cada linha de seus argumentos, encontramos a coerência de sua posição como sujeito, como cidadã e como psicanalista.

Silvia percorre com admirável destreza os fundamentos da psicanálise freudiana, por meio de uma interlocução sistemática e consistente com o pensamento de relevantes autores

das mais variadas disciplinas. Nesse exercício de interlocução, como ela mesma afirma, não se trata de ceder em um campo autônomo de pensamento, ficando a psicanálise subordinada em suas possibilidades de autonomia e criação. Ao contrário, no exercício de pensar exercido no campo interdisciplinar, abordar problemáticas compartilhadas requer, precisamente, não ceder naquilo que marca a essência da psicanálise.

A dimensão ética, por exemplo, é explorada em muitos de seus textos, abrindo caminho para enunciar sua singular compreensão do que nomeia como *sujeito ético* (Bleichmar, 2008; 2011; 2016). A premissa que sustenta no decorrer do seu raciocínio é a *presença do semelhante* necessariamente percebido em um espaço alteritário. Assim,

o fato de o ser humano ser uma cria destinada a se humanizar na cultura [...] articula um ponto inevitável de todas as tensões subjetivas que o articulam com o mundo: a presença do semelhante é inerente à sua própria constituição. No outro se alimentam não somente nossas bocas, mas nossas mentes; dele recebemos junto com o leite o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossas avaliações ideológicas; o outro está inscrito em nós, e isto é inevitável (Bleichmar, 2007, p. 56).

Nesse sentido, para Bleichmar (2007), é na percepção e no tensionamento incontornável da presença do semelhante que se encontra “o próprio fundamento da Ética” (p. 56).

Ao inaugurar seus seminários sobre a construção do sujeito ético, Bleichmar (2011) antecipa o eixo da sua proposta de transmissão e de reflexão na qual está evidente a intenção de “revisar a teoria sobre as premissas da constituição subjetiva” (p. 16). Nessa proposta de investigação no campo da psicanálise, pontua a diferença de pensar sobre o sujeito ético e o sujeito disciplinado. Sem digressão, afirma que “o sujeito disciplinado não é o sujeito ético” (p. 17). Portanto, o que está no eixo de sua investigação não é a discussão sobre *colocar limites*, mas, sim, as *legalidades* que constituem o sujeito psíquico. Seus aportes permitem constatar que são as inscrições de legalidades que permitirão “construir respeito e reconhecimento ao outro e pela forma como se define o universo do semelhante” (Bleichmar, 2008, p. 38). Em sua escrita, afirma com precisão: “gosto da ideia de seguir trabalhando com o conceito de semelhante. Tem a ver com quem considero eu como semelhante, até onde o outro é meu semelhante” (Bleichmar, 2011, p. 330). Cabe destacar, portanto, que “neste jogo alteritário, as peças identificatórias movimentam a observância a regras e se tornam garantias de proteção ilimitada do objeto amado e de empatia com suas dores e aflições” (Moraes; Macedo, 2024, p. 91).

Ainda sobre a constituição do sujeito ético, refere Silvia:

insisto em que a ação exterior primeira que constitui ao sujeito ético é o amor ligador do outro, enquanto capaz de transvasar<sup>4</sup> e de ligar aquilo que se inscreve como pulsional ou como da ordem do que faz efração no psiquismo sobre a base de sexualidade que se produz (Bleichmar, 2011, p. 186).

Logo, para ela, a única garantia do sujeito ético remete ao fato de que “a lei seja de acordo ao amor e respeito que se tem a quem a transmite” (p. 186). No desenrolar de sua concepção de ética é, portanto, evidente o valor atribuído às condições da experiência alteritária, tanto no que ela inaugura para o sujeito psíquico quanto na possibilidade da instauração de condições que se referem ao reconhecimento e nomeação do universo do outro.

Ao propor que se pense sobre a ética, a violência, a crueldade, as obrigações e o amor, Silvia traça com firmeza as problematizações que marcam o eu e o semelhante e cujos desdo-

<sup>4</sup> Ler a respeito no conceito de narcisismo transvasante em *La construcción del sujeto ético* (Bleichmar, 2011).

bramentos, metabolizados nesse marco alteritário, registram o sujeito tanto na sua perspectiva de tópica psíquica quanto na sua condição ética de ser e estar com o outro. Esclarece Silvia que

a ausência do adulto é vivenciada na criança como atacante, porque sua indiferença é mais brutal que a própria agressão que pudesse causar-lhe. Há crianças que perdoaram aos pais agressores, porém outros não perdoaram a pais ausentes psiquicamente ou desinteressados (Bleichmar, 2011, p. 326).

Poderíamos afirmar que, em tais experiências de indiferença, há, paradoxalmente, uma ausência cruel na “presença” dessubjetivante do adulto em relação à criança. Essa operação dessubjetivante do semelhante, ao não o reconhecer como tal, encontra-se na realidade material da sociedade na qual o desmentido da desigualdade e da violência torna milhares de pessoas invisíveis, matáveis e desnecessárias.

Assim, para Bleichmar (2011), a amplitude e a complexidade relativas à relação com o semelhante convocam a pensar sobre a forma como o Eu define o “universo de pertinência do outro” (p. 188). Longe de enfatizar as condições morais ou repressivas de uma sociedade, Silvia destaca a importância atribuída pela psicanálise ao “outro interiorizado de onde provém o questionamento ou a convalidação”, destacando o quanto a ausência dessas condições causa danos às possibilidades de um encontro intersubjetivo (Bleichmar, 2011, p. 213). Tal constatação é evidente quando, por exemplo, afirma que

o altruísmo é efeito de uma projeção sobre o outro, mas de uma projeção humanizante da qual um foi objeto nos tempos de sua constituição. [...] Com o qual se não se constitui uma instância intrapsíquica, não há possibilidade de que isso ocorra, mas tal instância intrapsíquica se constitui através de enunciados muito firmes e de formas de transmissão destes enunciados que às vezes não são verbais. [...] A lei se incorpora precisamente porque a criança é amada (Bleichmar, 2011, p. 214).

No domínio do egoísmo, segundo afirma, “o ego prazer purificado pode funcionar coletivamente gerando territórios de obrigações, expulsões e invisibilidade” (Bleichmar, 2011, p. 327). Logo, são os efeitos de experiências que marcam tanto os recursos como os danos no sujeito psíquico que operam no ordenamento das tópicas psíquicas, na construção da sua subjetividade e nas condições de reconhecer o universo do semelhante.

Na medida em que se delineiam os contornos da dimensão ética, também sob a ótica de Silvia, evidencia-se a intrínseca relação de tais contornos com as dimensões sociais e políticas. Como escreve Bleichmar (2008), “a ética está sempre baseada no princípio do semelhante, ou seja, na forma com a qual eu enfrento minhas responsabilidades para com o outro. A ética consiste em ter em conta a presença, a existência do outro” (p. 28). Assim, nos diferentes espaços relativos aos encontros intersubjetivos, definem-se tanto os pactos intersubjetivos necessários como também as formas de violência vigentes. Inspirada nas ideias de Levinas, Silvia refere-se ao contrato inter-humano que contempla não apenas o que alude aos direitos de um, mas, fundamentalmente, suas obrigações ilimitadas com o semelhante (Bleichmar, 2011, p. 275).

Nesse sentido, a leitura de Silvia aborda de forma singular a temática da violência, tecida com suas concepções a respeito da forma como se constrói a noção de semelhante. Segundo ela, a violência não está no acontecimento em si, mas em seus desdobramentos a partir de como é significada no interior das relações intersubjetivas. A violência está no desamparo, na indiferença, nas intensidades provocadas pelos excessos de ausência, mas também de intromissão. O trabalho de um psicanalista com a violência e seus desdobramentos não é, portanto, desconsiderado por Silvia. Ao contrário, sua obra aborda de forma direta,

sem poupar críticas, os devastadores acontecimentos por ela gerados. A partir da ótica clínica, também é clara ao afirmar que “nossa tarefa não é por um limite à violência, senão construir sujeitos capazes de definir os limites da própria violência e capazes de articular sua individualidade com o conjunto” (Bleichmar, 2008, p. 60). Na incontornável indissociabilidade das funções profissionais da condição cidadã, escreve:

Claro que não podemos modificar as regras econômicas do sistema; ao menos não como docentes ou psicólogos, mas, sim, como sujeitos sociais. Cada um decidirá qual é a maneira de lutar. Mas, optemos pelo caminho que optemos, desde nossa tarefa profissional, podemos, sim, lutar contra os efeitos dessubjetivantes dessa economia (Bleichmar, 2008, p. 133).

Os desdobramentos da violência como fraturas no contrato social levam Silvia Bleichmar a denunciar a falácia de atribuir à pobreza a causa da violência. Tal concepção preconceituosa, na verdade, escamoteia e tenta naturalizar as condições que efetivamente produzem a violência. Segundo Silvia, a violência é produto do ressentimento pelas promessas não cumpridas e da falta de perspectiva de futuro (Bleichmar, 2008, p. 36). São inúmeros os fatores implicados tanto na origem quanto na vigência dos mais diversos tipos de violência. Assim, é essencial reconhecer em sua repetição a complexidade de fatores que aludem às dimensões éticas, políticas e sociais, os quais promovem equações cujo somatório resulta tanto no ressentimento quanto na desesperança.

Ao abordar o tema da falta de amor, Bleichmar (2016) é categórica ao afirmar que uma das formas iniciais de exercer um domínio sobre o outro se dá através de sua dessubjetivação. Em sua escrita, a menção a uma modalidade de violência silenciosa permite identificar as devastadoras marcas da falta de amor próprias à indiferença.

A questão política é abordada por Bleichmar (2005) no mesmo contorno crítico e interrogativo presente nas diversas reflexões que desenvolve. Assim, ao escrever sobre “uma forma de pensar o nosso tempo” (p. 9), alerta para a necessidade de que, no marco de uma democracia política, não se confunda respeito com relativismo intelectual. Ressalta que “se sustenta ainda um hiato entre a ação política e a informação; hiato que, mais além de uma ou outra tentativa isolada, assinala a carência de uma reflexão profunda acerca da condição humana nas circunstâncias históricas que nos toca viver” (Bleichmar, 2005, p. 9).

É exatamente a prática reflexiva sistemática e consistente que faz com que o raciocínio de Silvia Bleichmar localize com rigor as coordenadas nas quais os conceitos psicanalíticos, pensados e tensionados em seus alcances, limites e possibilidades, estão implicados. Seu intuito é o de desacomodar uma concepção de sujeito considerado em uma posição ideológica e antropológicamente situado, para pensá-lo em uma dimensão de construção subjetiva que o torna humano e psiquicamente em condições de ser em si mesmo, ser com o outro e estar com o outro.

A coerência de tais fundamentos faz com que o pensamento de Silvia se apresente sempre com muita clareza e consistência, independentemente do espaço no qual desenvolvia sua compreensão como psicanalista. Pretendemos ilustrar, na sequência, como, na leitura que realizou sobre as produções da cultura sobre o espaço social da escola, ou até mesmo em atividades que desenvolveu junto a agentes carcerários, as dimensões éticas, políticas e sociais se entrelaçam, desvelando a potência do pensamento e da sagacidade clínica que permitiram a Silvia Bleichmar instaurar efeitos de questionamento, desacomodação e entusiasmo em seus privilegiados interlocutores.

Ao discorrer sobre as contemporâneas classificações subjetivas evidenciadas por meio dos atributos identitários de *losers* e *winner*s, Bleichmar (2007, p. 76-77) discorre sobre os graves efeitos que tais nomeações trazem para a subjetividade. Reconhece nessa *classificação* a imoralidade extrema e gestada socialmente. Com notável acuidade, assevera que, dessa

forma, “a sociedade civil inflige uma nova lesão àqueles a quem o funcionamento econômico do sistema já produziu um grave dano, despojando-os de suas possibilidades de trabalho e marginalizando-os em seus lugares habituais de sobrevivência moral e material” (p. 76).

Nesse sentido, localizamos a vitalidade de seu pensamento desvelando, nos mais diversos ambientes, aspectos que, por vezes, são banalizados e minimizados na complexidade que comportam. Para Bleichmar (2008), por exemplo, a escola tem uma função que não pode ser cumprida por nenhuma tecnologia, uma vez que também opera como espaço de produção de subjetividade. Afirma, portanto, ser fundamental no espaço escolar a construção de interrogantes a respeito de um projeto educativo referente à transmissão de “uma capacidade de pensar e de inserção com o outro para um país que se queira construir” (Bleichmar, 2008, p. 42). Ao se deter na reflexão sobre a relação aluno-professor, enuncia uma questão fundamental:

[S]e a assimetria de saber deve conservar-se, deve ser no marco de uma igualdade ontológica, de que todos somos sujeitos. Considero que isto é o que primeiro os pais se colocam em relação a seus filhos: que são pessoas. Depois cada um fará com os filhos o que pensa que se deve fazer com as pessoas (Bleichmar, 2022, p. 40).

Podemos constatar, no decorrer da apresentação de seus argumentos, a presença evidente de sua forma de conceber tanto o sujeito como o campo social. Por ocasião de uma conferência proferida em atividade organizada pelo serviço penitenciário de uma grande cidade argentina, Silvia abordou o tema da ética e da subjetividade no âmbito carcerário (Bleichmar, 2008, p. 163). Dentre muitos aspectos desenvolvidos em sua fala, destacamos sua menção ao que reconhecia existir na função desempenhada pelos guardas. Ao identificá-los como sendo, em muitos casos, “os principais interlocutores dos presos” (p. 183), passa a discorrer sobre a possibilidade de que eles recebessem uma formação especial para poderem dialogar e ajudar. A partir do reconhecimento de que, naquele espaço social, lhes tocava trabalhar “com uma grande quantidade de seres humanos muito danificados e muito capazes de produzir dano” (p. 188), também assinalava a possibilidade de resgatar a condição humana. Acima de tudo, em sua fala é possível identificar a coerência de suas ideias como psicanalista e como cidadã: “como vocês podem ir manejando e metabolizando isto para não se desgastarem, para não desanimar tanto, para não se desumanizarem, para não se contagiar com a desesperança e para poder recuperar o que possam recuperar de vocês e dos outros” (p. 189). No entusiasmo que lhe era característico e motivava às mais diversas interlocuções, encerra sua fala nessa atividade dizendo:

Vocês não sabem o reparador que é para mim também no sentido de que este é um encontro muito importante no país que queremos construir, onde todos pensemos o que fazemos com tudo o que nos ficou nas mãos, com toda a herança horrorosa que arrastamos de tanto sofrimento e de tanta devastação (Bleichmar, 2008, p. 190).

Naquele cenário de “mal-estar sobranter”, sobrecarregado pelos efeitos banalizados da injustiça, da corrupção e da indiferença, danos evidentes tanto nos agentes como nos apenados, Silvia propõe um contrato que ultrapasse as vicissitudes do inter-humano, na direção de possíveis inscrições de premissas de humanização, “ali onde o outro é, em princípio, infinito para mim, pode-se, até certo ponto — mas apenas até certo ponto —, limitar a extensão dos meus deveres, mais do que defender meus direitos” (Bleichmar, 2005, p. 8). Assim, sustenta que, no hiato entre o sujeito e o exercício de sua função de agente carcerário, por exemplo, reside a possibilidade de criar uma representação de semelhante que possa promover uma interlocução mediada pela percepção e consideração do outro como semelhante. Logo, diante do reconhecimento da condição danificada em que o outro se encontra, a proposta da psicanálise não está regulamentada no poder que emana do exercício de autoridade, mas, sim, na expectativa de recomposição de laços intersubjetivos.

A escrita deste artigo entrelaça nossa satisfação de retorno às valiosas produções psicanalíticas de Silvia Bleichmar sobre as dimensões da ética, do social e da política na perspectiva da psicanálise, com nosso reconhecimento da vigência de suas inquietações. Revisitar seus textos alimenta e vitaliza seguir acreditando na relevância de sistemática reflexão a respeito das condições implicadas em nosso labor analítico.

Nesse sentido, consideramos interminável a formação de um psicanalista. É esse caráter contínuo de formação que opera como substancial abastecimento nos reordenamentos e na ampliação dos conceitos da psicanálise. Encontramos, no dia a dia da clínica, essa fonte de recursos através das surpresas geradas na escuta de narrativas, nos tensionamentos do vivido, na complexidade dos encadeamentos identificatórios, os quais permeiam a singularidade histórica constituinte da aparelhagem psíquica de cada analisando. Assim, nessa tessitura e no a posteriori que o encontro transferencial representa, a escuta do analista poderá vir a ser uma experiência permanente de recomposição transformadora.

Identificamos na obra de Silvia um posicionamento claro em relação ao trabalho da análise, afirmando que “isto nos leva a recusar a ideia de que o sentido da análise seja a ‘construção de uma história’. Pelo contrário, a análise dedica-se à desconstrução do fixado, da ‘história oficial’ do sujeito, abstendo-se de oferecer totalidades que reensemblam o todo” (Bleichmar, 2015, p. 63). Assim sendo, a abstinência do analista consiste também em não oferecer interpretações fechadas, nem intervenções absolutas no sentido de que levem apenas a remontar as peças em um todo.

Ao abordar a insistência repetitiva do inconsciente, organizando continuidades sob o modo do descontínuo, alerta Bleichmar (2015) que, “na especificidade do funcionamento psíquico e das leis de seu funcionamento, explicitemos, antes, que a história-problema deve ser considerada como ‘história-conflito’, sendo esta última não uma circunstância particular do devir, mas o modo mesmo no qual este se constitui” (p. 65-66). A escuta do analista flutua atentamente nas repetições, mas também nas produções psíquicas de um aparelho aberto, no qual “ao recuperar a historicidade fundante do sujeito psíquico e considerar o inconsciente como resíduo metabólico de inscrições exógenas, a atemporalidade do inconsciente faz a sua indestrutibilidade, porém, não a possibilidade de reensamblagem de suas representações” (Bleichmar, 2015, p. 65).

Assim sendo, os movimentos de retorno às produções teóricas recebem tensionamentos criativos a partir de inquietações da clínica, quando as vertentes dos enunciados podem ser aproximadas às inevitáveis interrogações de um saber necessariamente incompleto e na recusa de interpretações elaboradas na imediatez da demanda. Enfim, é o espírito científico do saber em aberto que, como psicanalistas, nos proporciona encontrar, nesses necessários retornos, pontos de apoio ao já pensado, que também operam como dispositivos que ampliam a perspectiva de criação e de produções de teorias. Dessa forma, como desdobramento do processo de escrita deste artigo, reconhecemos na abertura e no estímulo às condições imprescindíveis para a “neogênese” no trabalho de um analista a potência de uma psicanálise aberta à produção de interrogantes.

Nessa direção, a forma com que Silvia Bleichmar aborda as dimensões ética, social e política em suas obras pareceu-nos contemplar um preciso contorno daquilo que constitui a prática de um psicanalista. A incontornável incidência ética no labor de um analista implica a denúncia da banalidade de ajuste às fórmulas que não visam a qualquer processo de transformação do sofrimento. Como alerta Bleichmar (2015),

não há, talvez dano maior à vida humana (exceto a morte) que o seu desperdício. Por isso, os longos anos de análise malsucedida, pelos quais atravessam muitos seres humanos, não podem ser catalogados, frívolamente, apenas como “perda de tempo e dinheiro”, se considerarmos que o tempo é, precisamente, aquilo que marca as possibilidades de realização da vida no contexto da finitude da existência (p. 15).

Para concluir, ressaltamos que, neste escrito, reconhecemos no legado de Silvia Bleichmar a genuína preocupação com a prática de uma psicanálise marcada pelo persistente compromisso em identificar as condições necessárias a “uma estratégia de cura menos livre de um empirismo espontâneo e mais afastada, na mesma forma, do dogmatismo limitante” (Bleichmar, 2015, p. 28). A escolha pelas dimensões ética, social e política como marcadores centrais na escrita de nosso texto, ancorada na sempre vitalizante revisita ao admirável legado de Silvia Bleichmar, deu-se por considerarmos que, no privilégio do convívio que com ela tivemos, tais escolhas traduzem sua forma de considerar a implicação de um psicanalista em um campo de ação que inclui e ao mesmo tempo extrapola os limites de sua clínica.

Na obra de Silvia não há evasivas para enunciar conceitos e proposições que precisavam ser revisados em psicanálise, tampouco existem subterfúgios ao encarar e denunciar a face mais cruel da realidade social e política, seja na história, seja no presente. Silvia é uma presença atemporal com sua obra consistente, sua escrita assertiva, sua sensibilidade, sua inteligência e sua generosidade na partilha realizada em diversos espaços sociais. Em todos eles, seu pensamento, em permanente continuidade, ancora-se no respeito ao universo de pertinência do semelhante: “em cada lugar que estamos hoje nos estão pedindo que digamos algo, e em cada lugar temos que dizer algo com responsabilidade” (Bleichmar, 2008, p. 109).

Seus textos e suas falas abordam a violência cotidiana, a violência de Estado, a violência econômica e a violência psíquica, dentre outras. Rejeita explicações simplórias a respeito de suas variadas etiologias, não recua em enunciar seu desejo de trabalhar em prol de melhores condições para seu país. Acima de tudo, Silvia mantém em seu horizonte a crença na potencialidade da psicanálise como prática no marco de uma ética, frente ao devastador impacto psíquico decorrente de qualquer ação humana que tenha como meta promover a des-subjetivação do semelhante. A pertinência e a atualidade de suas preocupações parecem-nos inegáveis.

## REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *Do motivo de consulta à razão de análise*. São Paulo: Zagodoni, 2015.
- BLEICHMAR, Silvia. *Dolor país y después...* Madrid: Libros del Zorzal, 2007.
- BLEICHMAR, Silvia. *El desmantelamiento de la subjetividad: estallido del yo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. *El psicoanálisis en debate: diálogos con la historia, el lenguaje y la biología*. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- BLEICHMAR, Silvia. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. *Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis*. Buenos Aires: Noveduc, 2022.
- BLEICHMAR, Silvia. *Vergüenza, culpa, pudor*. Buenos Aires: Paidós, 2016.
- BLEICHMAR, Silvia. *Violencia social: violencia escolar de la puesta de límites a la construcción de legalidades*. Buenos Aires: Noveduc, 2008.
- ELICHIRY, Nora. Prólogo. In: BLEICHMAR, Silvia. *Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis*. Buenos Aires: Noveduc, 2022. p. 10-20.
- MORAES, Eurema Gallo; MACEDO, Mônica Kother. Construção de legalidades. In: FLORSHEIM, David B. (Org.). *Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo* (Vol. 4). São Paulo: Blucher, 2024. p. 89-93.

Artigo enviado: 25 de fevereiro de 2025.

Artigo aceito: 10 de março de 2025.